



SEÇÃO: LITERATURA

Mil platôs em uma terra estranha: o devir negro em James Baldwin

Thousand plateaus in a strange land: the becoming-black in James Baldwin

Jeferson Tenório¹

orcid.org/0000-0003-4751-2356

[assessoria.jefersontenorio@](mailto:assessoria.jefersontenorio@gmail.com)

[gmail.com](mailto:assessoria.jefersontenorio@gmail.com)

Recebido em: 6 mar. 2022.

Aprovado em: 11 mar. 2022.

Publicado em: 20 out. 2020.

Resumo: Embora se tenha dito que James Baldwin seja um ativista antes de escritor, em *Terra estranha* encontramos a produção muito mais pelo viés do agenciamento (conforme o conceito dos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari) que enseja as máquinas desejanças, do que pela noção de engajamento em que o escritor é situado. Neste artigo busca-se indicar que, se por um lado, não há como negar que em Baldwin existe um lastro de aspectos biográficos, por outro não se pode negar também que há uma figura autoral em Baldwin. Tal perspectiva nos leva para uma condição de um sujeito desterritorializado em um mundo não negro e heteronormativo, apontando para uma espécie de esquizofrenia, pelo fato de não pertencimento a um mundo impositivamente branco. Os conceitos de Deleuze e Guattari, assim como os de Achille Mbembe, em *Crítica da razão negra*, podem nos ajudar a compreender com mais lucidez as fronteiras do engajamento e os agenciamentos políticos, próprios da produção literária de James Baldwin.

Palavras-chave: James Baldwin. Agenciamento coletivo. Sujeito desterritorializado. Mundo branco. Devir negro.

Abstract: Although it has been said that James Baldwin was an activist prior to being a writer, in *Another Country*, we find him producing much more by means of assemblage (according to Gilles Deleuze and Felix Guattari's concept), and giving rise to desiring machines, than by the notion of engagement in which the author is often situated. The aim of this essay is to show that while there is no denying that in Baldwin there is a ballast of biographical aspects to be found, one can also not deny there is an authorial figure in him as well. Such a perspective leads us to a condition of a deterritorialized subject in a non-Black and heteronormative world, which points to a kind of schizophrenia by the very fact of not belonging to an imposed white world. As such, Deleuze and Guattari's concepts, in addition to those of Achille Mbembe, in *Critique of Black Reason*, can help us to understand with greater clarity the frontiers of engagement and political assemblage specific to James Baldwin's literary production.

Keywords: James Baldwin. Collective assemblage. Deterritorialized subject. White world. The becoming-Black.

Introdução

"Mas essas coisas não aconteceram com você porque você era branco. Elas simplesmente aconteceram. Mas o que acontece aqui – ela esticou as mãos, como se convidasse olhar – acontece porque eles são negros. E isso faz diferença. Você ainda vai ter que lidar com isso por muito tempo, meu amigo, até passar".

(James Baldwin)



¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

James Baldwin, escritor norte americano, autor do célebre livro *Terra estranha*, publicado em 1962, portanto, auge das lutas contra o racismo, assim como o movimento político para o fim do Apartheid, nos EUA, pode ser visto como um caso em que, frequentemente, é apontando somente como ativista político, defensor da negritude e dos direitos da comunidade negra, sem que sua literatura seja vista como uma produção de ordem estética. Talvez Baldwin seja o exemplo daquilo que Deleuze e Guattari apontam, ao analisar a obra de Franz Kafka, em *Por uma literatura menor*: a problemática em que o autor se confunde com escritor. Desse modo, penso que os conceitos de Deleuze e Guattari, assim como os de Achille Mbembe, em *Crítica da razão negra*, podem nos ajudar a compreender com mais lucidez as fronteiras do engajamento político e da produção literária em James Baldwin.

Assim, partindo do plano da imanência, no que diz respeito à literatura, podemos lançar mão do que dizem Deleuze e Guattari: que a literatura não trata da interpretação da realidade, nem tampouco de uma representação, mas sim de uma invenção da realidade. Certamente, quando um escritor escreve, há, no seu fazer literário, um plano no nível da realidade, um plano de ordem empírica, e que passa, posteriormente, pelo trabalho da linguagem. Dessa maneira, favorece o descolamento da própria realidade e se organiza dentro de um sistema estético-literário. Dentro desse sistema, há uma absorção das diferentes formas dialéticas no que diz respeito às questões da sexualidade e da raça, no caso de Baldwin, em última instância, um processo de desterritorialização.

Com efeito, em *Terra estranha*, pode-se notar que agenciamento, visto como desejo, do ponto de vista das relações raciais e da sexualidade, está ligado certamente a um devir, mais especificamente a um devir negro, para usar a expressão de Achille Mbembe, em *Crítica da razão negra*, e também à produção da imanência e às questões de um certo coletivo que se estrutura a partir da literatura, surgindo, assim, uma espécie de agenciamento coletivo de um determinado grupo, no

caso, negros e gays.

Embora muito se tenha dito, constantemente, que James Baldwin seja um ativista, antes de ser um escritor, em *Terra estranha*, há uma produção muito mais pelo viés do agenciamento, isto é, que ensejam as *máquinas desejantes*, do que pela própria noção de engajamento em que é colocado. Entretanto, se por um lado não há como negar que em Baldwin existe um lastro de aspectos biográficos, como, por exemplo, a sua luta aberta contra o Apartheid, e também por assumir sua orientação sexual publicamente nos EUA durante a década de 1960, tornando, dessa forma, difícil a compreensão dos agenciamentos como tal, por outro, não se pode negar também que há uma figura autoral em Baldwin, uma figura que, portanto, se confunde com o sujeito Baldwin e que, por sua vez, é atravessado pelas questões pessoais.

Tal perspectiva nos leva para uma condição de um sujeito desterritorializado em um mundo não negro e hétero-normativo, apontando, assim, para uma espécie de eterna esquizofrenia pelo fato de não pertencimento a um mundo impositivamente branco, caso do personagem protagonista Rufus, por exemplo:

Como eu odeio essa gente... todos esses brancos filhos da puta lá fora. Eles querem me matar, você acha que eu não sei? O mundo é deles, cara, desses veados filhos da puta, e eles querem me tirar do mundo, eles estão me matando [...] Você tem que brigar com o dono da casa porque o dono da casa é branco! Você tem que brigar com o ascensorista porque o filho da puta é branco! Qualquer bebum da Bowery pode cagar na sua cabeça porque o filho da puta não consegue ouvir, não consegue ver, não consegue andar, não consegue trepar ... mas o cara é branco! (BALDWIN, 2018, p. 87-88).

Isso tudo se confundiria com o autor Baldwin e o escritor Baldwin. E assim, num certo sentido, a sua literatura seria oriunda dessas angústias, como o é em *O quarto de Giovanni* ou *Se a rua Beale falasse*, obras que tecem questionamentos sobre as questões raciais e sobre a sexualidade. Essa confusão está, obviamente, pautada no argumento de que o material estético está, antes de mais nada, alicerçado na vida do escritor. No

entanto é preciso lembrar que este material não pertence à ordem dos agenciamentos, mas ao plano da própria vida. Ou seja, se pressupõe que sua literatura só existe porque antes do escritor existem demandas sociais que o atravessam e que o influenciam no modo e no desejo de escrever. Tudo passa a ser produzido em função dessas circunstâncias.

Portanto, é possível dizer que, o nível literário, em alguma medida, carrega elementos que seriam externos a sua literatura. Haveria, assim, um *dentro* e um *fora*. Um *fora* que seria a fonte originária de sua criação, por assim dizer. Certamente também é possível, a partir dessas premissas, estabelecer nexos entre o exterior e o interior na obra de Baldwin. Mas, sempre levando em conta que essas questões não são de ordem literária, mas que, de algum modo, convergem para sua literatura.

A partir disso, o que se estabelece, seguindo um raciocínio deleuziano, é a tentativa de interpretar a literatura segundo preceitos exteriores à obra. O que aponta para o entendimento de que se a escrita de Baldwin está mediada por uma certa visão turva oriunda, sobretudo, das questões raciais e, que, portanto, sua escrita estaria contaminada, reproduz, através de uma sublimação, tais questões exteriores. Assim, a criação estética de Baldwin estaria sempre a serviço de um ativismo político, muito próximo da sua figura de escritor.

Talvez possa se dizer que toda a literatura, principalmente a chamada *literatura menor*, contém algo de refratário a uma interpretação direta, isto é, há elementos que impedem que dispositivos de ordem hermenêutica se sobreponham ao próprio teor estético. No entanto, para compreender melhor essa fronteira entre a estética e a ideia de uma literatura engajada, em Baldwin, creio ser preciso compreender também em que sentido o *devir negro* se apresenta.

Em *Crítica da razão negra*, Achille Mbembe

abre o livro tecendo reflexões sobre o *devir negro*:

Como explicou Gilles Deleuze, 'há sempre um negro, um judeu, um chinês, um grão mongol, um ariano no delírio', pois aquilo que faz fermentar o delírio são, entre outras coisas, as raças.² Ao produzir o corpo, outorgando à pele e à cor o estatuto de uma ficção de cariz biológico, os mundos euro-americanos em particular fizeram do negro e da raça duas versões de uma única figura: a da loucura codificada.³ Funcionando simultaneamente como categoria originária, material e fantasmática, a raça esteve no decorrer dos séculos precedentes, na origem de inúmeras catástrofes, tendo sido a causa de devastações psíquicas assombrosas e de incalculáveis crimes e massacres⁴ (MBEMBE, 2018, p. 13).

Para deixar ainda mais evidentes tais tensões, creio também que seja necessário compreender as complexidades das dinâmicas sociais e políticas que envolvem a historicidade da nomenclatura "negro". Assim, para começar, como nos alerta Mbembe ao evocar Frantz Fanon, o conceito de "negro" é, na verdade, um "objeto" inventado pelo mundo branco e fixado como tal a partir do próprio olhar, assim como o conceito de "branco" que também é fruto de uma invenção, uma fantasia da Europa que procurou sistematicamente naturalizar e universalizar tal ideia. Sendo assim, Fanon aponta que ambas as invenções, "branco" e "negro", não existem no sentido *stricto sensu*, já que não há nenhum ser humano que tenha de fato a cor branca, como papel ou a cor preta da noite, por exemplo.

Assim, ambas as categorias nos remetem a um vazio de realidade. A diferença entre elas é que o "branco" foi paulatinamente sendo colocado no ponto crucial de explorador, estrategicamente posicionado em um espaço de poder. Neste sentido, Mbembe, afirma que a invenção e a fantasia branca foram bem-sucedidas porque marcou o modo do ocidente de estar no mundo, ou seja, um modo de explorador brutal, violento e que chama para si a responsabilidade de subjugar povos estrangeiros.

Com efeito, este modo branco de estar no

² DELEUZE, Gilles. *Dois regimes Loucos, Textos e entrevistas, 1975-1995*. Preparação da edição de David Lapoujade. Tradução de Guilherme Ivo. São Paulo: Ed. 34, 2016. p. 30

³ ELIAV-FELDON, Miriam. *Benjamim Isaac e Joseph Ziegler. The Origins of Racism in The West*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

⁴ Frantz Fannon, *Peau noir, masque blancs*, in *Oeuvres*, La Découvert, Paris, 2011.

mundo vai alicerçando uma rede desigual de privilégios em escala planetária e irreversível e, dessa forma, colocando em prática todas as lógicas do capitalismo tardio⁵ e as perversas formas de exploração de violência impostas ao mundo negro. Assim, Mbembe, citando Fanon, faz a seguinte reflexão:

Para Fanon, o termo “negro” advém de um mecanismo mais de atribuição que de autodesignação. Não sou negro (*noir*), declara Fanon, nem sou um negro (*negré*). Negro não é meu sobrenome nem meu nome, muito menos minha essência e minha identidade. Sou um ser humano e isso basta. O outro pode me impugnar esta qualidade, mas nunca conseguirá me despojar dela ontologicamente. O fato de ser escravo, de ser colonizado, de ser alvo de discriminações ou de toda a sorte de abusos, vexações, privações e humilhações em virtude da cor da pele não muda absolutamente nada disso. Continuo a ser um ser humano, por mais intrínseca que seja a violência das tentativas que pretendem me fazer acreditar que não sou (MBEMBE, 2018, p. 91-92).

Assim, podemos concluir que “negro” é um apelido que tenta a todo o momento encerrar o sujeito dentro de uma condição baseada na cor. Mbembe, portanto, assinala que o substantivo “negro” preencheu três funções primordiais na modernidade, são elas: *atribuição*, *interiorização* e *subversão*. No primeiro, *atribuição*, diz respeito a essa invenção designada pelo mundo branco e europeu. A segunda, *interiorização*, confere aos aspectos de consciência e, posteriormente, a todo processo de reivindicações iniciados pelo movimento da negritude. A terceira, *subversão*, tem a ver com as dissidências e contestações dos próprios designados negros frente ao mundo.

Desse modo, quando Baldwin escreve, temos uma produção estética que se torna proporcional à própria condição do devir. Os personagens de Baldwin, neste sentido, se tornam complexos na medida em que refutam os modelos, refutam os destinos pré-estabelecidos para os negros, e em última instância, os negros não devêm do *negro* como se quer, isto é, o devir negro não é uma generalidade. Rufus, *em Terra estranha*, é o próprio ser desterritorializado, nutrido de *má-*

quinas desejantes. O preço a se pagar por uma postura como essa pode ser visto no discurso de Ida, irmã de Rufus:

“Vocês não sabiam nada sobre o Rufus”
 “Porque somos brancos.”
 “Não. Porque ele era negro”
 “Ah. Eu desisto. Aliás, por que a gente sempre acaba falando sobre o Rufus?”
 “Eu tinha começado a te contar uma coisa”, ela disse baixinho; e olhou para ele.
 Ele engoliu mais um pouco do uísque e acendeu um cigarro. “verdade. Por favor, continue”
 “Porque eu sou negra” ela disse depois de um momento, e sentou perto dele na mesa, “eu sei mais sobre o que aconteceu com meu irmão do que vocês jamais saberão. Eu vi aquilo acontecer – desde o começo. Eu estava lá. Ele não devia ter acabado daquele jeito. Isso que eu não consigo aceitar. Ele era um menino lindo. A maioria das pessoas não é bonita, eu sempre soube disso” (BALDWIN, 2018, p. 482).

Este *não saber nada sobre Rufus* é uma mostra de que nem os personagens e nem o leitor tem acesso a ele. Isto é, a literatura não entrega “o negro” que se quer conhecível, mas ao contrário, o torna inapreensível. E justamente nesse movimento deslizante que o personagem se desterritorializa para se territorializar num campo não sabido, pois ele não assume uma determinada identificação ou imitação de um negro, mas assume uma outra forma de viver e sentir inacessível ao leitor. Ou seja, exige do leitor uma materialidade diferente, uma ordem diferente para sua compreensão, que é frequentemente, orientada pela lógica, segundo Deleuze e Guattari.

Neste sentido, a natureza interpretativa, portanto, não passa por uma regra, código ou mesmo um ponto de chegada. O que interessa aqui é, na verdade, o percurso, a trajetória desse sujeito enquanto sujeito desterritorializado. Ora, estamos diante de um personagem negro, no bairro pobre, no Harlem, dentro da ilha de Manhattan. Ou seja, personagens que habitam um outro “país” dentro de uma Nova York de 1960. Uma metrópole cosmopolita moderna, cheio de oportunidades, mas só para quem é branco. O Harlem se transforma em um “país” subjetivo constituído, em sua grande

⁵ JAMESON, Frederic. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*, 1981.

maioria, de pessoas negras.

O que significa dizer que dentro de uma teoria da interpretação tradicional, se espera sempre por uma procedência, isto é, criam-se seus "a priori", de modo que este método diminui, em certo sentido, a potência estética contida na obra arte, justamente porque este tipo de procedimento põe na frente da criação, todos os aparatos sociológicos, raciais e sexuais, no caso de Baldwin. Mas que não levam em consideração o desejo do escritor, que é, por definição, difuso e inapreensível.

Portanto, é possível dizer, que são os agenciamentos, e não os fatores procedentes, que resultam na complexidade de um personagem, como o músico Rufus. Um personagem que não é passível de interpretação, ou melhor, de compreensão nem pelos personagens brancos, nem pela irmã negra, que embora afirme saber mais sobre ele, nem pelos leitores. Essa é a natureza da obra de arte: um se colocar ao lado, talvez pareado, mas nunca dentro por via da interpretação e seus "a priori".

Considerações finais

Terra Estranha é o terceiro romance de James Baldwin, talvez o mais ambicioso. Pois além de apresentar o clima de lassidão e morbidez vivenciados pelos personagens negros e dos brancos pobres, revela também toda a decadência, os costumes, o ritmo e as violências, mas sem com isso, abrir mão de sua literariedade e da complexidade das personagens.

Referências

BALDWIN, James. *Terra estranha*. São Paulo: Companhia da Letras, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: Por uma literatura menor*. 1. ed. Tradução de Cintia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Tradução de Sebastião Nascimento. Paris: Editora N-1 edições, 2018.

Jeferson Tenório

Mestre em literaturas Luso-africanas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil; doutorando pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil.

Endereço para correspondência

Jeferson de Souza Tenório
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Av. Ipiranga, 6681
Partenon, 97010-082
Porto Alegre, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.